

AQUECIMENTOS PARA POESIAVIDACORPO

Igor Fagundes – Mestrando em Poética (UFRJ)*

Nas mãos moças nos pés mouros
os dedos confusos
ventam
sobre a mesa

Caio Meira, *No oco da mão*

Há um momento em que não é possível definir prazos para a escrita. Todas as datas estipuladas por terceiros se tornam segundas. Em segundo plano, todos os projetos – de dias, de tardes, de noites e horários e lugares e léxicos – tornados dejetos do que não se cumpre. Antes que eu ou tu decidas a hora exata em que o pensamento se fará tecido sobre a página, a escrita, ela mesma, terá feito sua escolha por mim ou por ti, elegendo-nos a alguma costura, inexata, do que tão logo se desfia.

Aqui, nenhuma promessa de compor um diário, mas devo confessar que, diariamente, venho tentando inscrever-me frente à folha branca da tela, no teclado-ponta de caneta invisível, e não consigo. Pelo frescor de uma frase ou pelo perfume de seu frasco ainda não fui escolhido. *Venho tentando inscrever-me...* Três verbos para, ao fim da conjugação excessiva (ou obsessiva), dizer: nada. Para tornar, em um só golpe, *presente, gerúndia e infinitiva* esta angústia de não encontrar, de não escrever um particípio futuro. A folha de papel permanece tal “um horizonte / entre os cotovelos”¹. Há dias espero crescer “uma primavera / no meio da página”², descer “uma chuvarada entre vírgulas”³, mas sem o receio de que, encharcada, a palavra prefira o deserto, a aridez da folha ressecada, uma vez que “cada braçada vence [vencerá] uma [e toda] tempestade / [toda] uma correnteza”⁴. E, a cada braçada, venço, ao menos, este cansaço que incansavelmente me duela. Há horas escrevo, apago, rasuro e, a despeito de qualquer disciplina necessária ao ofício da escrita, tudo parece preencher com mais vazio as linhas movediças. Repito apenas o que já

¹ MEIRA, Caio. *No oco da mão*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1993: 12.

² Id., *ibid.*

³ *Ibid.*

⁴ *Ibid.*: 12.

disse ou tinha dito? Repito o que disseram? O que, de mim, irrompe novo ou renovado? Gesto-me (!) na escuta de um poeta:

A palavra
mesmo surrada
suada
se precipita no corpo a corpo
das margens das curvas das rugas
sob o sol
dentro da gaveta⁵

Da espera aprendo as surras e os suores. Em meio a leituras, releituras, burburinhos na rua ou por debaixo da pele, um sol nasce e se põe, renasce e se impõe dentro da gaveta. Dentro de um livro, de um pensamento que não é meu, mas que, na agudeza de dizer o que sequer sabia ou sei (de pensar o que ainda, em mim, não pensa), me pleiteia e me completa. Sem palavras ainda minhas, com palavras de um outro (as quais, afinal, são de todos e de ninguém), repleto-me de fragmentos vindos de um fora, do afora, quase aforismas a compor-me em mosaico:

Para suportar o tranco do literário, temos de nos exercitar, praticar as musculaturas dos nervos, os alongamentos das percepções, os pulmões do pensamento. Para suportar o tranco do literário, é preciso que, de alguma maneira, nosso corpo descubra uma maleabilidade, permitindo as potências da literatura criarem para nós um novo corpo, mais condizente com elas, um novo corpo que se deixe ser trabalhados por elas como uma matéria pelas mãos artesãs dessa literaturavida.⁶

Para escrever, a escrita ensina: é preciso estar pronto para o tranco. Não basta dizer *sim* à palavra, à literatura, se não dissermos *sim*, antes e durante, à própria vida; senão abriremos as veias da vida, isto é, abrimo-nos a ela ao abriremos as veias do corpo, os nervos à vertigem maior do pensamento. Dizendo *sim* a tais vazões; dizendo *sim* à “experiência / desmedida da carne”⁷, conforme anuncia um outro poeta aqui a vazar, é a escrita que, antecipadamente a quem a aguarda e pensa chamá-la, diz *sim* ao corpo-a-corpo com os verbos quando ambos, homem e palavra, movendo-se um no outro, já se movem, de antemão, no corpo-a-corpo feliz

⁵ Ibid.: 19.

⁶ PUCHEU, Alberto. “Literatura, para que serve?”. *Pelo colorido, para além do cinzento: a literatura e seus entornos interventivos*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007: 31.

⁷ HELDER, Herberto. “O Poema”. *Poesia Toda: 1953-1980*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1981: 40-59.

e trágico com as matérias da vida. A adensar-me o mosaico, sempre incompleto, incorporo fragmentos outros de outrem. E mais outros. E mais tantos. E mais todos que, sobreviventes na memória, digam *sim* ao que procuro. E sejam o *sim* da minha procura:

Um poema cresce inseguramente / na confusão da carne. / Sobe
ainda sem palavras, só ferocidade e gosto / talvez com sangue.⁸

.....

Logo abaixo da pele, pulsante, e fora dela, um balbuciar indistinto.⁹

.....

A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como
se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos, na ponta das
palavras. Minha linguagem treme de desejo.¹⁰

.....

Lamber os beijos / no prazer da escritura frugal / da poesia / que
insistente / faz-me tremer as mãos.¹¹

.....

Atingir essa escrita do nervo: escrever não mais com a ponta dos
dedos ou com a mão, mas como o tutano dos meus ossos.¹²

.....

Escrevo-te com o corpo inteiro. Eu, corpo a corpo, comigo mesma. (...)
E se aqui tenho que usar-te palavras, elas têm que fazer um sentido
quase que só corpóreo.¹³

.....

Eu jamais daria conta de viver sem o convívio *corporal*, existencial,
sentimental com a palavra.¹⁴

Porque, por semanas, não estive à altura desse convívio, dessa nevrálgia,
desse tremor, temi a escrita, que elege somente os corajosos. Temente de minha

⁸ Ibid.

⁹ PUCHEU, Alberto. *Escritos da indiscernibilidade*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2003: 23.

¹⁰ BARTHES, Roland. *Fragments de um Discurso Amoroso*. Trad. Isabel Gonçalves. Lisboa: Edições 70, s/d.:91.

¹¹ CARDOSO, Tanussi. *Exercício do Olhar*. Rio de Janeiro: Fivestar, 2006: 136.

¹² MEIRA, Caio. Entrevista à revista eletrônica *Seomario*. Disponível em: <http://www.caiomeira.kit.net>. Acesso em 20/05/07.

¹³ LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1993: 14-15.

¹⁴ NASCENTE, Gabriel. *Escrever*. Bari: Libreria Universitaria, 1988: 410.

tremedeira, recusou-me, recusava-me, perdido que estava entre as pequenezas do dia-a-dia, tão engrandecidas pelo meu desperdício de forças, tão alarmadas, enquanto vida, a grande vida urgente a seguir à margem, apequenada e encolhida. A *vidavibrada*, tão pungente nos destinos virtuosos do verbo, a esquivar-se deste corpo débil, o meu, afoito pela frase, infecunda, e afeito aos afazeres – domésticos, patéticos, risíveis – plantados e colhidos na superfície dos dias, sem o mergulho, sem o salto mortal no que, não feito e por fazer-se, exige o abismo como experiência.

À medida que me livro das bóias e afundo; à medida que, lançado ao precipício, me entrego à lei da gravidade, *escrita* (literatura, poesia, criação...), *corpo* e *vida* começam a ganhar referências mútuas. Quando *poesiavidacorpo* se improvisam na encruzilhada dos sentidos e palavras, criar se descortina no corpo. Pelo corpo. É o corpo, que (se) escreve. É vida, que se encorpa, se inscreve: poesia. Na poesia. O poético vive, incorporado, corporificando a intermitência do que perdura. Do que perdura sem corpo. Do que, morto, é, necessariamente, abertura para todo nascer. Para o ventre de todas as corporeidades. Dos agenciamentos e cruzamentos entre cada uma dessas palavras genitoras – poesia, vida, corpo – em meio às quais a exclamação, a interrogação e as reticências serão sinais abertos por cada uma dessas vírgulas – provisórias – que as distancia e une: poesia (! ? ...) vida (! ? ...) corpo (! ? ...) ¹⁵.

Se, por dias e dias, sofri a ausência de uma palavra proferida com *poesiavidacorpo*, foi porque faltaram poesia, vida e corpo em mim para que eu abrisse parênteses dentro de suas *virgulabissais*, rendendo-me ao susto, à ousadia da pergunta, ao desfalecer, sem resposta, do reticente... Por falta de ar nos pulmões, não tive fôlego para inscrever, nas traquéias e narinas da página, a respiração: *poesiavidacorpo*. Mas agora inscrevo, escrevo, porque respiro, sem asma ou bronquite. É com saúde que *poesiavidacorpo* mantêm-se juntos, erguidos. Alongados os músculos, sinto a harmonia entre poesia (!?...) vida (!?...) e corpo (!?...) no inspirar e nos expirar dos gases. Levam e trazem promessas, presságios,

¹⁵ Entre os ensaístas contemporâneos, não há como ignorar Alberto Pucheu como pensador afinado com esta via: “Criando no nosso, outros corpos, a literatura torna possível vivenciar vida e, tornando vida vivível, literatura torna vida real. Realizando vida, a literatura intensifica suas forças para que elas possam nos afetar, para que elas possam nos transformam em vida, para que elas possam aniquilar nossos nomes próprios de modo que as intensidades de vida nos atravessem e risquem, em nós, seus novos nomes, inapreensíveis sem a literatura, sem ela, inaudíveis, sem ela, inteiramente, afônicos.” (PUCHEU, Alberto. “Literatura, para que serve?”. *Pelo colorido, para além do cinzento: a literatura e seus entornos interventivos*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007: 225).

primores. Nas juntas e nas articulações, a mesma promiscuidade, pacífica, de *poesiavidacorpo*. No exercício de repetir esses nomes como verbos orgiásticos, de conjugá-los até ficarem diferentes (e aqui transo com versos de um Manoel de Barros). Não mais temo o estéril, o impotente. A esclerose da próstata. Cedo-me à possibilidade das fraturas, das entorses, das contusões, das luxações. Por ora sem elas; por ora sem os torcicolos da linguagem, sinto a harmonia de poesia, vida e corpo nos tendões e nos cangotes por onde vibram os cheiros e lábios. E línguas. Até quando estiver lúcido, danço a música dos neurônios no *entre* das sinapses. Mas não nego os *delírios*. Na loucura, *poesiavidacorpo* será flor que vira vento, vento que desabrocha, desabrochar que... Agora escrevo *poesiavidacorpo* intranquilo. Não posso prever o rumo, os desdobramentos de *poesiavidacorpo*, que, com o excesso de sentido em sua tríplice e exponencial aliança, é uma premente ameaça. Um investimento de temor. O perigo das altas voltagens multiplicadas. O risco do curto-circuito. Minha coragem também treme. Estar nervoso é sentir os nervos à flor da pele. A pele: no destino (in)esperado do que desabrochou?

Por tantos soares e suores, somas e sulcos, a escrita é ganho e perda, ascese e queda, alegria e alergia, comoção e corrosão. Em outro poeta, encontro: “Escrever é perder o corpo. Para a página.”¹⁶. Consoante ouvi de um outro escritor, reitera-se necessário, urgente, suportar o tranco do literário. Todavia, ainda não quero e não posso falar deste corpo para além do meu, do corpo que se inscreve na folha, que emerge do branco e faz do texto-tecido uma corporeidade. Não estou pronto. Pronto para isto – a escrita – que me levará à perda? À perda de meu corpo para a folha? Mas... será que já não me perdi? No corpo que se perde para a página, não a ganho como parte de meu corpo, como arte de meu corpo, corpo renovado? Corpo artesanato! Remeto-me às cirurgias de transplante. Será que não foi vida, transplantada em mim, para mim, que desencadeou a vazão disso que, potencializado, terminou por vazar, perder-se, como doação a devolver com mais intensidade, à vida, o que dela recebeu? O que se transfere e transplanta para a página: o corpo ou a vida? A poesia? *Poesiavidacorpo*. Perdido para a página, vencido pela *poesiavidacorpo*, comemoro o que parece o único enfrentamento em que uma derrota deva ser celebrada. Esta, a vitória: *perder para poesiavidacorpo*. Ganhá-la, portanto. No *a mais* da página, ganhar-se. O coração que se transplanta

¹⁶ BOSCO, Francisco. *Da Amizade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

para a folha é o mesmo-e-outro revigorado que me adentra. Pulsa-me. Torna-me: poema.

Talvez seja este o caminho (desconfio de qualquer certeza): entrar, a despeito do sexo ou gênero, numa espécie de devir-homem para que se fertilizem óvulos de vida e, a um só tempo, assumir um devir-mulher para que se experiencie a gravidez disso que acaba de ser fertilizado. Logo, se há semanas não escrevo, é porque, no meu corpo, um gesto se gesta. Como se há nove meses não escrevesse uma única linha, sinto agora as contrações de um parto. Se há momentos em que os prazos se extraviam, o filho – como a escrita – diz *sim* a vir à luz antes ou depois da data que lhe definimos, tornando-se prematuro ou tardio, mas sempre surpreendente. O leitor percebe que retomo o princípio? Lembro-te: todos os projetos – de dias, tardes, noites, horários, lugares, léxicos... – tornam-se dejetos do que não se cumpre. Todos os fetos de escrita tornam-se fatos, mesmo que ainda dentro de um útero. A qualquer momento, no oitavo ou nono mês, um filho escolhe pela vida. Liberta-se. Chora-sorrindo. E não cessa de nascer, renascer no décimo, no décimo primeiro mês, no décimo segundo, até o último dos meses e último dos anos em que os tecidos perderão a costura que persiste a costurar(-se), até na hora em que os fios caducam. Do mesmo modo, *poesiavidacorpo* não finda no momento da palavra escrita. Recomeça, na palavra que se reescreve. Reescrevo, em recomeço sem palavras. Recomeço da palavra não-escrita. Rumo àquela que jamais se escreverá.

* Além de mestrando em Poética pela UFRJ, Igor Fagundes é poeta, jornalista, ator e autor dos livros *Por uma gênese do horizonte* (Vencedor do IV Prêmio Literário Livraria Asabeça, 2006), *Sete mil tijolos e uma parede inacabada* (2004) e *Tranversais* (Vencedor Prêmio Literário Estudantes do Brasil 2000).